

podéssemos dizer: um bom tratado de teologia e pastoral dos sacramentos.

JORGE COUTINHO

RIGAL, Jean, **Une foi en transhuman-
ce**, Desclée de Brouwer, Paris, 2009, 264
p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-06063-7.

O *Lexis – Dictionnaire de la langue française*, da Larousse, define «*transhumance*» como o movimento dos rebanhos, nos países mediterrânicos, que, no verão, se deslocam para as montanhas vizinhas; ou também como a deslocação a que os apicultores submetem as colmeias para seguir a floração. A metáfora é, neste livro, aplicada por Jean Rigal à condição da fé religiosa no tempo presente e no seu movimento no universo cultural, em que se assiste a um florescimento de novas sensibilidades e novas expressões da descrença, em face das quais será preciso proceder a um fecundo movimento de «criatividade da fé».

A fé em «*transhumance*» poderia ser traduzido por «a fé em deslocação»; mas essa tradução é, sem dúvida, inadequada, não permitindo compreender o sentido essencial ou o que o autor quis dizer com aquela metáfora. Talvez ajude um pouco esta confissão que faz na Introdução: «Acontece-me sofrer por ver ‘a minha Igreja’ preocupar-se com coisas secundárias, ou mesmo fúteis, no momento em que se põem ‘a descoberto’ as questões mais fundamentais sobre o sentido da vida e o futuro da humanidade. Em sentido inverso, grande é a minha alegria quando vejo cristãos apaixonarem-se pela partilha do Evangelho ou empenharem-se na humanização da nossa terra, para que ela seja um pouco mais viável e fraterna» (p. 11).

Para ajudar ao desejado redireccionamento – ou, melhor, adequação – da fé,

Jean Rigal, que foi professor de eclesiologia na Faculdade de Teologia de Toulouse durante vinte anos, numa primeira parte do livro, vai ao encontro dos actuais desafios que se colocam àquela, em sua condição ora de confronto com a descrença e as novas culturas ora de fervorosa revitalização. Uma segunda parte é dedicada às novas gnoses que pululam hoje, como no antigo paganismo. Delas é exemplo emblemático o fenómeno d’*O código Da Vinci*. A terceira parte versa sobre uma característica essencial e muito bíblica da fé: a fé «a caminho» ou a fé como um caminho a percorrer. Os últimos capítulos reflectem sobre alguns pontos essenciais da fé cristã que se tornaram desvitalizados e vazios quer na sua assunção pelos crentes quer na prática corrente da pastoral. Assim a fé na ressurreição dos mortos e todo o Símbolo de Niceia-Constantinopla.

Em conclusão, Rigal não deixa de insistir em que a fé não é algo de estático, uma herança apenas (porventura mal) recebida. Ela é um devir. E carece de ser permanentemente reconduzida à pureza, à frescura e à energia originárias da genuína experiência do Evangelho.

JORGE COUTINHO

BOUCHEUX, Mgr Raymond, **À la découverte de Vatican II**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 250 p., 210 x 140, ISBN 978-2-84573-737-2.

Este livro, escrito pelo antigo Arcebispo de Avignon – que se retirou do cargo em 2002 e se dedica agora ao apostolado nas prisões, junto de doentes do foro psiquiátrico e também de comunidades religiosas – é isso mesmo: um convite ou uma proposta de redescoberta do Concílio Vaticano

II. Para muitos das gerações mais novas, que não tiveram a oportunidade de viver em directo o evento e o tempo conciliar – com toda a efervescência e novidade que veio introduzir na Igreja –, ele será mesmo, porventura, a sua primeira descoberta.

Mgr. R. Boucheux tem presente a palavra de João Paulo II sobre os textos conciliares: «É preciso que eles sejam lidos de maneira apropriada, que sejam conhecidos e assimilados, como textos qualificados e normativos do magistério, no interior da Tradição da Igreja». É sob essa preocupação que, depois de uma Introdução sobre o Concílio em geral, particularmente útil para quem conheça mal a sua razão histórica de ser e os seus essenciais objectivos, apresenta, em resumos comentados, cada uma das quatro grandes constituições daquele emanadas: *Lumen gentium* (pp. 27-92), *(Dei Verbum)* (93-113), *Sacrosanctum Concilium* (115-154), *Gaudium et spes* (155-239).

Obra de um teólogo pastor, com preocupação pastoral, incidindo sobre um concílio que se quis ele mesmo eminentemente pastoral, o autor usa nela uma linguagem muito simples e, por isso, muito facilmente compreensível mesmo por quem não esteja habituado ao nível científico de textos mais estritamente teológicos. Resume, cita a essência ou o sumo de cada passagem dos diversos documentos, comenta. O leitor que desconheça estes ou os conheça mal, acaba por ficar informado e formado quando baste sobre o teor das quatro grandes constituições, que são os quatro grandes pilares onde assentam os demais documentos (decretos e declarações).

JORGE COUTINHO

CASSINGENA-TRÉVEDY, François,
Les Pères de l'Église et la liturgie. Un

esprit, une expérience. De Constantin à Justinien, Desclée de Brouwer, Paris, 2009, 390 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06018-7.

O autor deste livro – monge beneditino, mestre de conferências na Faculdade de Teologia e de Ciências religiosas no Instituto Católico de Paris – procura nele explorar e trazer à luz a complexa e enorme riqueza das diferentes facetas de que se compõe o acto de celebrar. Fá-lo servindo-se de extractos de textos de alguns dos mais notáveis Padres da Igreja, que interpreta e comenta. E fá-lo partindo do pressuposto de que é a pessoa toda inteira quem verdadeiramente celebra: no plano individual como no colectivo, quando em comunhão com outras pessoas na assembleia celebrante. Mas é, acima de tudo, a beleza da liturgia que conduz o ânimo do autor, um homem que se fez beneditino movido justamente pela beleza litúrgica, que nos mosteiros de S. Bento, como é sabido, se cultiva com particular relevo e cuidado.

Como escreve no prefácio Michel-Yves Perrin, «era preciso escrever uma história literária do tema da beleza das liturgias cristãs e do fascínio que se reputa poderem elas exercer ou ter exercido no decurso dos séculos sobre aqueles que nelas vêm participar ou que as vêm contemplar».

O autor do livro convida, precisamente, a contemplar essa beleza nos textos dos Padres que dela se fazem eco, como quem, olhando os mosaicos, as pinturas e esculturas que a representam em tantas obras de arte, vê aí o interior ou a alma que nelas reflectiu o artista. Essa alma era a fé daqueles que celebravam e nelas estão representados. Por isso, confessa, de entrada, que o que procura fazer no seu livro, «mais que uma história [...] é uma